



A teoria moral piagetiana: de projeto inacabado para a base da abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento moral

Matheus Estevão Ferreira da Silva
Lia Beatriz de Lucca Freitas

Como citar: SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. A teoria moral piagetiana: de projeto inacabado para a base da abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento moral. *In:* SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; SOUSA, Lilian Pacchioni Pereira de; SARAVALI, Eliane Giachetto (org.). **As pesquisas piagetianas na educação:** contribuições do passado, desafios atuais e perspectivas futuras. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.301-324. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-440.p301-324>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A TEORIA MORAL PIAGETIANA: DE PROJETO INACABADO PARA A BASE DA ABORDAGEM COGNITIVO-EVOLUTIVA DO DESENVOLVIMENTO MORAL

Matheus Estevão Ferreira da SILVA¹

Lia Beatriz de Lucca FREITAS²

Introdução

Ao longo deste capítulo evidenciamos um dos momentos cruciais na trajetória de formação do campo de estudos conhecido por *Psicologia Moral*: a redescoberta da teoria moral piagetiana como alternativa para o estudo psicológico da moralidade e, principalmente, o préstimo dessa teoria para servir de base para a fundação da abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento moral.

Embora a moralidade seja historicamente estudada em diversas áreas de conhecimento, tais como a Filosofia, a Sociologia,

¹ Doutorando, Mestre em Educação e Pedagogo pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, e Psicólogo pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL), UNESP, Campus de Assis. E-mail: matheus.estevao2@hotmail.com

² Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Educação e Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, e Consultora Acadêmica. E-mail: lia.beatriz.freitas@gmail.com

a Antropologia e o Direito, para La Taille, Souza e Vizioli (2004) coube à Psicologia a produção científica mais consistente na investigação do tema, cuja expressividade pôde constituir um campo de estudos próprio sobre os processos psicológicos envolvidos nesse fenômeno. Nesse sentido, é na Psicologia Moral que “o estudo do tema encontra respaldo em pesquisas empíricas e no desenvolvimento de métodos apropriados à sua investigação” (LEPRE, 2015, p. 9).

Denomina-se *Psicologia Moral* esse campo “[...] em que se estudam os processos psíquicos por meio dos quais se legitimam regras, princípios e valores morais” (LA TAILLE, 2007, p. 11). E da mesma forma que várias são as áreas do conhecimento que têm a moralidade como objeto de estudo, no caso da Psicologia Moral, também se produziram várias teorias, com diferentes abordagens, nesse campo. Dessa variedade, podem-se citar as teorias de abordagem *psicanalítica e behaviorista*.

Segundo Biaggio (2006), até a década de 1960, o estudo psicológico da moralidade foi dominado por essas duas abordagens pioneiras, as quais predominaram por diversas décadas. No fim da década de 1960 e início de 1970, esse cenário, no entanto, foi alterado: “nos últimos 30 anos, o enfoque cognitivista tomou conta do campo da moralidade, sendo praticamente abandonados os estudos empíricos na linha behaviorista [...] e psicanalítica” (BIAGGIO, 2006, p. 21).

A chamada *abordagem cognitivo-evolutiva*, que considera o desenvolvimento das funções psicológicas a partir de um viés evolutivo, e concorrente às duas abordagens anteriores, é erigida a partir das teorias sobre a moral do epistemólogo suíço Jean Piaget

(1896-1980) e do psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927-1987). Foi o trabalho de Piaget (1932/1994) em torno da questão moral, publicado no início da década de 1930, que inspirou a abordagem cognitivo-evolutiva. O principal autor responsável por essa perspectiva foi Kohlberg (1992), autor posterior a Piaget, cujos esforços na década de 1960 em diante pôde consolidá-la como a principal perspectiva teórica em Psicologia para o estudo da moralidade, despertando o interesse da comunidade acadêmica mundial pelo tema e impulsionando-a a alcançar o seu *status*, ainda atual, de mais produtiva e de grande marco de referência nesse campo de conhecimento.

Assim, são diversos(as) os(as) autores(as) (DEVRIES, 1991; BIAGGIO, 2006; LEPRE, 2015; SILVA; 2022a; 2022b) que consideram que a Psicologia Moral “consolidou-se, como área nobre da Psicologia” (LA TAILLE, 2007, p. 17), a partir da referida teoria e dos estudos desenvolvidos por Kohlberg. Alguns desses(as) autores(as) (BIAGGIO, 2006; LEPRE, 2015) entendem que Kohlberg retomou e aprofundou o projeto piagetiano acerca da moralidade. No entanto, outro(a)s (KILLEN; SMETANA, 2015; YOUNISS; DAMON, 1992) argumentam que a teoria de Kohlberg difere daquela de Piaget (1932/1994). Neste capítulo, consideramos que Kohlberg, na verdade, deu continuidade à linha de pesquisa iniciada por Piaget, mas propôs sua própria teoria, a qual difere daquela de Piaget. Essa questão será retomada quando discutido, mais adiante, o préstimo da teoria moral piagetiana para a fundação da abordagem cognitivo-evolutiva.

É válido ressaltar que no contexto atual da Psicologia Moral, encontram-se disponíveis na literatura diversas outras teorias, que

fundamentam as investigações no estudo da moralidade, associadas à abordagem cognitivo-evolutiva. Para além de Kohlberg, essas teorias retomam as ideias originais piagetianas e, sobretudo, a interpretação kohlberguiana dada a elas.

A Teoria Moral Piagetiana: um projeto inacabado, mas seminal

Jean Piaget nasceu na Suíça, no final do século XIX, e faleceu aos 84 anos. Epistemólogo, biólogo de formação, tornou-se um dos psicólogos mais renomados do século XX graças ao colossal número de estudos realizados sobre o desenvolvimento humano. Atuou como professor da Universidade de Neuchâtel (1925-1929) e da Universidade de Genebra (1929-até sua morte). Ele deixou toda uma vida de dedicação aos estudos e uma das principais teorias sobre o conhecimento, a respeito de como ele surge e se desenvolve – a *Epistemologia Genética*.

Em sua análise estrutural da obra piagetiana – método no qual se recorre à obra de determinado autor em sua totalidade buscando desvendar sua lógica interna –, Ramozzi-Chiarottino (1972) demonstra que o objetivo de Piaget foi explicar como é possível o ser humano alcançar o conhecimento necessário e universal. Opondo-se às teses *inatistas* e *empiristas*, que consideram que o conhecimento provém, respectivamente, do maturacionismo biológico e da experiência vivida, a teoria de Piaget (1945/2010; 1975/1976) defende as ideias de que: (a) o conhecimento é *construído* na interação do sujeito com o meio e (b) se desenvolve em

patamares qualitativamente distintos (estágios)³, em uma assumida postura *estruturalista* e *teleológica*: “quando Piaget fala em desenvolvimento está se referindo a um caminho a ser percorrido até se chegar a um ponto mais evoluído” (LEPRE, 2015, p. 17). E isso o inclui no grupo das teorias *interacionistas*.

Sendo a principal preocupação de Piaget (1945/2010; 1975/1976) a construção da inteligência, cuja mais popular contribuição foi a definição de seus estágios cognitivos, o aspecto cognitivo do desenvolvimento foi privilegiado em sua obra. Os aspectos social, moral e afetivo, embora também considerados, nem sempre foram objeto de estudos sistemáticos. No caso da moralidade, contudo, Freitas (2002, p. 303), adverte que “quando consideramos o conjunto de sua obra, podemos constatar também que ele jamais deixou de escrever sobre a questão moral”.

Ainda segundo Freitas (2002; 2003), o livro *Le jugement moral chez l'enfant* (traduzido no Brasil para *O juízo moral na criança*) é, sem dúvida, a principal obra em que Piaget (1932/1994) trata da questão moral. É nesse livro que ele relata os seus estudos empíricos. Nele, a despeito da ação e dos sentimentos morais, Piaget (1932/1994) investigou a gênese do *juízo moral* em crianças. O autor buscou investigar como a criança adquire o respeito pelas regras, reunindo no livro resultados de três estudos nos quais se

³ Como ressalta Mano (2017), Piaget se vale da palavra *stade* (estádio) para designar o processo de desenvolvimento cognitivo, no entanto, em obras traduzidas do francês para o português, emprega-se a palavra *estágio* para designá-lo. Apesar disso, “independentemente do termo adotado, é necessária a compreensão do real significado desse conceito na obra piagetiana” (p. 29). Neste texto, usaremos a palavra *estágio*, uma vez que também é o termo utilizado por Kohlberg para designar seus próprios estágios de desenvolvimento quanto à moral.

utilizou da observação e entrevistas com crianças, interrogando-as tanto sobre as regras de jogos quanto sobre personagens em histórias-estímulo.

Dos resultados encontrados nesses estudos, destaca-se a identificação de um caminho psicogenético caracterizado pela passagem da *heteronomia* à *autonomia*. Após um período de ausência de regras (*anomia*) – não caracterizado como uma tendência moral –, a heteronomia é a primeira tendência⁴ moral vivenciada pela criança, que apesar de perceber a existência de regras, não as compreende como necessárias para se viver em sociedade e as obedece mediante o poder que as figuras de autoridade, tais como pais e professores(as), exercem sobre ela (respeito unilateral), com seus juízos caracterizados por fatores externos. Com as interações entre pares e relações de cooperação, constrói-se a tendência moral de *autonomia*, que paulatinamente ocupa o lugar da heteronomia, em que a criança passa a entender que as regras decorrem de um acordo mútuo entre as pessoas (respeito mútuo), o respeito às regras se dá voluntariamente e seus juízos caracterizam-se pela reciprocidade.

Embora Piaget propusesse ineditamente tal modelo psicogenético de desenvolvimento por tendências no caso da moralidade, suas ideias remontam as expostas pelo filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804), para quem as pessoas são os únicos seres dotados de liberdade para agir com base na razão e não por inclinações ou vontades pessoais. Opondo-se à determinação externa,

⁴ Preferiu-se adotar o termo *tendências* ao invés de *estágios*, uma vez que para Piaget (1932/1994) ainda não é claro se o caminho psicogenético que traça corresponde a uma estrutura de moralidade, paralela às estruturas cognitivas, por meio da sucessão em estágios de desenvolvimento, como é para Kohlberg (1992).

Kant (1785/2005) concebe como moral o comportamento autoescolhido que se baseie em um princípio universalmente válido, atestado pelo que chamou de Imperativo Categórico, formulado da seguinte forma: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas querer que ela se torne lei universal” (KANT, 1785/2005, p. 59). Assim, para uma ação ser moral, ou o juízo que a determinou, ela deve obedecer a uma lei interna e se justificar a partir de um princípio válido para toda a humanidade.

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, a professora Zélia Ramozzi-Chiarottino tem chamado atenção, desde a década de 1980 (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1984), e ainda atualmente (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2021), para a tese de que a teoria de Piaget pode ser considerada como uma espécie de kantismo evolutivo – expressão utilizada pelo próprio Piaget (1959) –, em que as ideias kantianas sobre o conhecimento são colocadas em perspectiva evolutivo e registradas progressivamente ao longo no desenvolvimento humano. Para Freitas (2002; 2003), a sua teoria sobre a moralidade também pode ser entendida como um kantismo evolutivo, sobretudo na passagem da heteronomia à autonomia.

O juízo moral na criança de Piaget (1932/1994) é, portanto, considerado um marco de referência na Psicologia Moral, e seminal para a fundação da abordagem cognitivo-evolutiva para o estudo da moralidade. Nas palavras de Freitas (2003, p. 16), esse livro tornou-se um clássico da literatura e, não obstante, “de acordo com o olhar retrospectivo de alguns autores sobre esse domínio específico da psicologia, a importância histórica desse livro de Piaget deve-se ao fato de que ele inaugurou, nos anos 30, uma nova linha de investigação: o chamado enfoque cognitivo-evolutivo”.

Entretanto, desde quando ela surgiu, aponta-se que a teoria moral de Piaget, ao mesmo tempo que seminal (BIAGGIO, 2006; LEPRE, 2015), é um projeto inacabado (FREITAS, 2003).

Em sua tese de Doutorado defendida em 1998 na Universidade de São Paulo (USP), e que deu origem ao livro *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado* (FREITAS, 2003), Lia Beatriz de Lucca Freitas buscou responder a pergunta: “qual foi a intenção de Piaget no domínio da moral?”. Freitas teve como referência a já citada análise estrutural da obra piagetiana de Ramozzi-Chiarottino (1972). Nessa análise, a autora antecessora demonstrou que o objetivo de Piaget, em toda a sua obra, foi explicar como o ser humano alcança o conhecimento, e que esse objetivo esteve anunciado como seu projeto de vida desde a publicação do livro autobiográfico *Recherche*, de 1918, publicado por Piaget (1918) quando ainda muito jovem. No entanto, Ramozzi-Chiarottino (1972) não se ateu às suas implicações na moralidade.

Freitas (2003), portanto, retoma a análise estrutural realizada por Ramozzi-Chiarottino (1972) e a utiliza para a análise dos textos de Piaget sobre a moral. Em seus resultados, a autora advoga que “além de construir uma teoria do conhecimento, ele aspirava estabelecer uma teoria sobre a moral, e este plano é também de sua juventude” (p. 19). Na continuidade dessa análise, pode-se dizer que,

[...] no projeto de Piaget, apresentado em *Recherche*, a questão moral aparece ao lado do problema do conhecimento [...]. Ou seja, Piaget, leitor de Kant, planejara seguir seus passos: após explicar como é possível ao homem alcançar o conhecimento, ele também estaria

apto a propor a sua ética. Essa era a intenção de Piaget. *Ele, porém, deixou esse projeto inacabado* (FREITAS, 2003, p. 107, grifos nossos).

Dessa forma, mesmo que o projeto inicial intencionado pelo autor no campo da moralidade seja reconhecido como seminal a partir de seu livro de 1932, ele permaneceu como inacabado, como Freitas (2003, p. 108) continua a ressaltar: “O porquê disso constitui, como disse a professora Amélia Domingues de Castro, ‘um mistério a decifrar na vida científica piagetiana’. Deixaremos intocado esse mistério, pois, neste estudo, não nos cabe desvendá-lo”. Apesar disso, outros(as) autores(as) encontraram nele uma possibilidade atraente para o estudo psicológico da moralidade. Nesse sentido, ressalta Lepre (2015, p. 22), com base no trabalho pioneiro de Piaget, “diversos outros importantes autores [...] elaboraram suas propostas teóricas, ora concordando inteiramente com a proposta piagetiana, ora rejeitando determinados aspectos”.

A “Redescoberta de Piaget” e a consolidação da abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento moral por Lawrence Kohlberg

É inegável que Piaget influenciou Kohlberg. No entanto, isso não significa que Kohlberg tenha concordado com Piaget e transposto fielmente todas as assertivas da teoria piagetiana para a sua própria teoria. Em outras palavras, mais adequado seria dizer que o autor norte-americano se *inspirou* nas ideias do autor genebrino, pois, ainda que de fato tenha conservado várias delas em sua teoria,

ele propôs ideias próprias acerca do desenvolvimento moral, muitas vezes, inclusive, conflitantes com aquelas de Piaget.

Kohlberg é um autor importante não apenas pela criação da abordagem cognitivo-evolutiva, mas também pela consolidação do próprio campo da Psicologia Moral, que se fez por meio dessa abordagem teórica.

Cabe esclarecer que por abordagem cognitivo-evolutiva nós não nos referimos a uma determinada teoria, mas sim a uma corrente teórica que reúne uma variedade de teorias diferentes entre si, mas com certas semelhanças em suas proposições e em suas referências de base, neste caso, baseadas na tradição piagetiana. Assim, enquanto a teoria piagetiana foi fundamental para fundar a abordagem cognitivo-evolutiva, essa fundação só ocorreu a partir de sua “redescoberta” por Kohlberg.

Lawrence Kohlberg foi um psicólogo, professor universitário e pesquisador norte-americano nascido em 1927 e que veio a falecer precocemente, em 1987, aos 59 anos. Kohlberg (1984; 1992) dedicou toda sua vida acadêmica para a elaboração de sua teoria sobre o desenvolvimento moral. Em síntese, essa teoria busca descobrir como se dá o desenvolvimento do respeito às regras ao longo da vida e o modo como a consciência se obriga a respeitá-las. Seu programa de pesquisas teve início com sua tese de Doutorado, a qual defendeu em 1958 na Universidade de Chicago (KOHLBERG, 1958), intitulada *The development of modes of moral thinking and choice in the years 10 to 16* (*O desenvolvimento de modos de pensamento e escolha moral dos 10 aos 16 anos*, em tradução livre).

Não obstante, sua trajetória assemelha-se com a de Piaget: ambos procuraram, na Psicologia, achados empíricos que pudessem

comprovar os modelos psicológicos de suas teorias, elaboradas com base em ideias filosóficas – no caso deles, a Filosofia kantiana. E foi no trabalho de Piaget que Kohlberg proeminentemente se fundamentou para formular sua teoria. Posteriormente, Kohlberg ficaria conhecido como “um dos primeiros americanos em Psicologia a reconhecer a importância dos esforços de Piaget, [...] e articular claramente a alternativa piagetiana” (DEVRIES, 1991, p. 8, tradução nossa).

Logo, o fenômeno “que tem sido chamado de ‘ressurgimento’, ‘renascimento’ e ‘redescoberta’ de Piaget no final da década de 1950 e início da década de 1960” (BURMAN, 2016, p. 72, tradução nossa) nos Estados Unidos, se deve, em parte, aos esforços de Kohlberg no campo da moralidade, a princípio em seu Doutorado e, em seguida, nos estudos seguintes que consolidaram sua teoria.

Em seu doutoramento, Kohlberg (1958) acompanhou longitudinalmente uma amostra de 84 meninos de 10, 13 e 16 anos de idade, brancos, de classe média da cidade de Chicago. O próprio Kohlberg (1992, p. 33, tradução nossa) relata que “o objetivo desta pesquisa foi aplicar à adolescência a pesquisa iniciada por Piaget sobre o desenvolvimento do julgamento moral em crianças. Para estudar o desenvolvimento moral na adolescência, decidi usar o método e as suposições gerais de Piaget”. Contrastando esse dizer do autor com a interpretação de Youniss e Damon (1992) e Killen e Smetana (2015), pode-se inferir que, se em algum momento foi a intenção de Kohlberg continuar a teoria piagetiana, ele o fez “à sua maneira”, criando uma teoria diferente daquela de Piaget.

Kohlberg (1992) interessou-se no método de entrevista de Piaget no livro *O juízo moral na criança*, porém, diferente de Piaget, utilizou dilemas morais⁵ no lugar das histórias-estímulo. Assim, a começar pela adaptação do método em sua tese de Doutorado (KOHLBERG, 1958), outras diferenças entre os ambos autores foram surgindo, sendo talvez a principal delas a inovação que Kohlberg (1984; 1992) faz, também desde seu doutoramento, ao considerar as tendências morais *heteronomia* e *autonomia* traçadas por Piaget insuficientes. No lugar delas, o autor propõe um modelo de desenvolvimento moral por *níveis* e *estágios*, tal como no modelo cognitivo piagetiano. Diferente de Kohlberg, no que compete ao desenvolvimento moral, Piaget (1932/1994) pareceu não se sentir seguro em traçar estágios tal como fez no desenvolvimento cognitivo.

No entanto, durante toda sua carreira acadêmica, Kohlberg sempre buscou por corroboração empírica para suas assertivas, o que não foi diferente com os fundamentos de sua teoria. Depois de ter-se baseado em Piaget (KOHLBERG, 1958), ele passou a se dedicar à exploração exaustiva das ideias piagetianas sobre o desenvolvimento cognitivo e moral (KOHLBERG, 1966a; KOHLBERG; YAEGER; HJERTHOLM, 1968), com o intuito de encontrar validade no conceito de estágio piagetiano para, então, aplicá-lo consistentemente em sua proposta de estágios morais.

Em posse de suas próprias evidências empíricas que endossavam os conceitos piagetianos, sobretudo o de estágio, Kohlberg incorporou o conceito de estágio cognitivo na

⁵ Dilemas morais são situações extremas, geralmente protagonizadas por um personagem, que envolvem dois valores. O personagem protagonista deve decidir a qual aderir.

conceituação de seus estágios morais⁶. Não obstante, além de transpor a teoria piagetiana sobre as estruturas cognitivas para a moralidade, Kohlberg (1982) também apontou para uma relação nesse paralelismo entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento moral, ao ressaltar que um (cognitivo) é condição necessária, embora não suficiente, para o desenvolvimento do outro (moral).

Em seu modelo, Kohlberg (1984; 1992) propõe que o desenvolvimento moral perpassa por *três níveis e seis estágios*, sendo dois estágios para cada nível. Assim, a moralidade se encontra organizada em três grandes níveis – pré-convencional, convencional e pós-convencional –, cada um subdividido em dois estágios. O primeiro nível, *pré-convencional*, típico entre crianças, é constituído pelos Estágios 1 e 2, em que o raciocínio se baseia no medo da punição (autopreservação) ou em interesses individuais. O segundo nível, *convencional*, típico entre adolescentes e adultos, é constituído pelos Estágios 3 e 4, em que o raciocínio se baseia na conformidade às convenções e regras sociais determinadas por grupos ou autoridades, procurando manter a ordem social vigente. O terceiro e último nível, *pós-convencional*, atingido por uma quantidade mínima de adultos, é constituído pelos Estágios 5 e 6, em que o raciocínio moral rompe com o contexto sócio legal e baseia-se na

⁶ Entretanto, Marçal e Bataglia (2018) apontam problemas na incorporação do conceito de estágio cognitivo de Piaget no campo da moralidade. Para esses autores (2018, p. 1-2), “uma das questões da psicologia moral é se podemos pensar em estádios do desenvolvimento moral do mesmo modo que pensamos em estádios do desenvolvimento cognitivo. Lawrence Kohlberg [...] claramente coloca os estádios e níveis hierárquicos como se essa transposição fosse facilmente depreendida. Pensamos que a concepção piagetiana de estádios seja bem mais específica e focada na existência de invariantes funcionais”.

reciprocidade e em princípios morais universalizáveis, isto é, as regras só são aceitas se estiverem fundamentadas em princípios morais.

Enquanto professor da Universidade de Yale entre os anos de 1961 e 1962, da Universidade de Chicago de 1962 a 1967 e depois contratado pela Universidade de Harvard em 1968 (onde atuou até sua morte em 1987), Kohlberg deu continuidade às suas pesquisas, aprimorou a teoria e chegou a elaborar uma entrevista padronizada de avaliação do juízo moral, a *Moral Judgment Interview* (MJI) (COLBY; KOHLBERG, 1987), o que pôde sistematizar seu método de mensuração.

A continuidade da abordagem cognitiva-evolutiva pelas teorias pós-kohlberguianas

Com a morte de Kohlberg, muito discutiu-se sobre qual o legado por ele deixado, “em quais novas direções o campo poderia se mover sem a força da presença e participação desse homem” (HAYES, 1994, p. 261, tradução nossa). No entanto, Hayes (1994, p. 265, tradução nossa) responde a essa questão: “Kohlberg deixou um rico legado de ideias que estão se mostrando suficientes para inspirar trabalhos que seguem a tradição construtivista da qual ele foi um porta-voz tão importante”.

Bataglia, Morais e Lepre (2010) destacam que diversos instrumentos de mensuração alternativos à MJI – único instrumento que o próprio Kohlberg, além de tê-lo elaborado, utilizou em suas pesquisas – foram desenvolvidos por outros(as) autores(as) no decorrer dos anos para a avaliação do raciocínio moral e aspectos relacionados da moralidade. E essas várias alternativas de método

também contribuíram para tornar a literatura da abordagem cognitivo-evolutiva ainda mais vasta.

Cabe ressaltar, no entanto, que ao passo em que cresceram as pesquisas de base piagetiana e kohlberguiana, com a referida repercussão no estudo da moralidade e no campo da Psicologia Moral, a ponto de consolidá-lo, diversas críticas também surgiram. No caso de Kohlberg, traz Danza (2014, p. 63):

[...] ele recebeu muitas críticas relacionadas tanto à rigidez promovida pela compreensão da moralidade através de estágios universais, quanto ao fato de ele não ter levado em conta as necessidades afetivas dos sujeitos que emergem diante dos conflitos de natureza moral. Para além dessas críticas, vislumbramos sua grande contribuição, acreditando na importância das investigações sobre o desenvolvimento da moral deontológica, ainda que consideremos este referencial escasso para a compreensão dos complexos fenômenos da moralidade.

Desde as décadas de 1970 e 1980, várias dessas críticas suscitaram o surgimento de outras teorias sobre o desenvolvimento moral, partindo dessa mesma perspectiva cognitivo-evolutiva, “tanto teorias mais críticas às ideias de Kohlberg e que propuseram outros caminhos de teorização a serem tomados quanto teorias que propuseram somente algumas mudanças às ideias de Kohlberg, teorias as quais poderiam se dizer *pós-kohlberguianas*” (SILVA, 2022a, p. 107, grifos do autor).

Como comentam Hayes (1994) e Danza (2014, p. 63): “os trabalhos de Kohlberg tiveram grande repercussão e deram origem a um número expressivo de trabalhos orientados neste paradigma [cognitivo-evolutivo]”. Assim, essas outras teorias, erigidas com base na tradição cognitivo-evolutiva, apresentam, cada uma, proposições próprias visando sanar as limitações de suas predecessoras – das teorias piagetiana e kohlberguiana – por isso “pós-kohlberguianas”. Ou seja, são teorias pós-kohlberguianas, pois baseiam-se no paradigma cognitivo-evolutivo, mas, ao mesmo tempo, buscam alguma independência dos modelos de suas predecessoras.

Vale ressaltar que essas teorias, ao terem a teoria kohlberguiana como referência direta, tiveram conseqüentemente a teoria piagetiana como referência indireta, visto que recorrer às proposições originais kohlberguianas é também recorrer às proposições originais piagetianas, visto que algumas delas foram conservadas e transpostas à teoria de Kohlberg. No entanto, várias dessas teorias também refizeram o movimento de Kohlberg e se fundamentaram em Piaget, tendo o autor genebrino como uma referência direta e, portanto, empregando suas próprias interpretações sobre esse referencial.

Em síntese, nem todas as teorias pós-kohlberguianas se satisfizeram com as interpretações de Kohlberg acerca de Piaget. Como exemplo, pode-se mencionar a teoria pós-kohlberguiana do psicólogo estadunidense Elliot Turiel (1983). Segundo Lourenço (2014), Turiel teria interpretações mais congruentes às ideias originais de Piaget, em determinados aspectos de sua teoria, que Kohlberg.

Em suma, essas teorias pós-kohlberguianas buscaram pensar outros aspectos que fazem parte do domínio moral, mas que não puderam ser contemplados nos trabalhos originais de Kohlberg e de Piaget. A partir delas, que cada vez mais têm fundamentado as pesquisas atuais da Psicologia Moral, pôde-se pensar em outros aspectos da moralidade (além do juízo moral), dentre os quais destacam-se: *domínios sociais* (TURIEL, 1983), *princípios morais de cuidado* (GILLIGAN, 1982), *competência moral* (LIND, 2000), *identidade moral* (BLASI, 1983; COLBY; DAMON, 1992), *esquemas morais* (REST et al., 1999), e etc.

Considerações finais

Neste capítulo, realizamos uma revisão bibliográfica que expôs a redescoberta da teoria moral piagetiana e o seu préstimo para servir de base para a fundação da abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento moral. Essa exposição evidenciou aquilo que foi um dos momentos cruciais na história da Psicologia Moral, fundamental para sua consolidação e para o estado em que se encontra hoje.

A teoria moral piagetiana trouxe inovações às ideias kantianas em que se fundamenta e, pela natureza dessas inovações, é passível de ser interpretada com um kantismo evolutivo. Sua teoria e modelo psicogenético de desenvolvimento por tendências também serviu como base, sendo seminal, para o refinamento de várias ideias acerca do desenvolvimento moral na perspectiva cognitivo-evolutiva, logo, possibilitando a consolidação dessa abordagem no estudo psicológico da moralidade.

Assim, a teoria moral de Piaget serviu de base para a abordagem cognitivo-evolutiva, fundada por Kohlberg a partir das contribuições de seu antecessor. A teoria kohlberguiana, por sua vez, além de fundá-la, também foi responsável por sua consolidação como principal perspectiva teórica para o estudo da moralidade, assim como pela consolidação do próprio campo da Psicologia Moral. Tal como Piaget, Kohlberg contribuiu para a proposição de um novo paradigma teórico e, além disso, desenvolveu um método próprio de pesquisa. Soma-se a isso o fato de que ele estendeu a investigação do desenvolvimento moral até a idade adulta, por meio de seu próprio modelo de desenvolvimento.

Nesta segunda década deste século, parece-nos que a teoria de Piaget inspirou e ainda inspirará décadas de estudo sobre a moralidade. Ademais, sugerimos, em pesquisas futuras, buscar compreender os quão diferentes e semelhantes entre si são as teorias morais de Piaget e de Kohlberg.

Referências

BATAGLIA, P. U. R.; MORAIS, A. de; LEPRE, R. M. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 15, n. 1, 25-32, jan./abr., 2010.

BIAGGIO, A. M. B. **Lawrence Kohlberg**: Ética e educação moral. São Paulo: Moderna, 2006.

BLASI, A. Moral cognition and moral action: a theoretical perspective. **Developmental Review**, v. 3, n. 2, p. 178-210, 1983.

COLBY, A.; DAMON, W. **Some do care**: contemporary lives of moral commitment. New York: Free Press, 1992.

BURMAN, J. T. **Constructive history**: From the standard theory of stages to Piaget's new theory. 327 f. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) – York University, Toronto, 2016.

COLBY, A.; KOHLBERG, L. **The measurement of moral judgment**: theoretical foundation and research validation. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

COLBY, A.; KOHLBERG, L.; GIBBS, J.; LIEBERMAN, M.; FISCHER, K.; SALTZSTEIN, H. D. A longitudinal study of moral judgment. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, v. 48, n. 1/2, p. 1-124, 1983.

DANZA, H. C. **Projetos de vida e Educação Moral**: um estudo na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento. 261 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação (FE), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2014.

DEVRIES, R. The cognitive- developmental paradigm. In: KURTINES, W. M.; GEWIRTZ, J. L. **Handbook of moral behavior and development**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991. p. 7-12.

FREITAS, L. B. de L. Piaget e a consciência moral: Um kantismo evolutivo? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 303-308, 2002.

FREITAS, L. B. de L. **A moral na obra de Jean Piaget**: um projeto inacabado. São Paulo: Cortez, 2003.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

HAYES, R. L. The legacy of Lawrence Kohlberg: Implications for counseling and human development. **Journal of Counseling & Development**, v. 72, p. 261-267, 1994.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2005. [Originalmente publicado em 1785].

KILLEN, Melanie; SMETANA, Judith G. Origins and development of morality. In: **Handbook of child psychology and developmental science, socioemotional processes**. LERNER, Richard M.; LAMB, Michael E. (Orgs.). Hoboken: John Wiley & Sons, 2015. p. 701-749.

KOHLBERG, L. **The development of modes of moral thinking and choice in the years 10 to 16**. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de Chicago, Chicago, 1958.

KOHLBERG, L. Moral education in the schools: a developmental view. **The School Review**, v. 74, n. 1, p. 1-30, 1966.

KOHLBERG, L.; YAEGER, J.; HJERTHOLM, E. Private speech: four studies and a review of theories. **Child Development**, v. 39, p. 691-736, 1968.

- KOHLBERG, L. Estádios morales y moralización. El enfoque cognitivo-evolutivo. **Infancia y Aprendizaje**, v. 5, n. 18, 33-51, 1982.
- KOHLBERG, L. **The psychology of moral development: the nature and validity of moral stages**. San Francisco: Harper & Row, 1984. Essays on moral development: v. II.
- KOHLBERG, L. **Psicología del desarrollo moral**. Bilbao: Editorial Desclée de Brower, 1992.
- LA TAILLE, Y. de. Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, 11-36, 2007.
- LA TAILLE, Y de; SOUZA, L. S. de; VIZIOLI, L. Ética e educação: uma revisão da literatura educacional de 1990 a 2003. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 91-108, jan./abr., 2004.
- LEPRE, R. M. Por que estudar a moralidade humana e seus possíveis desdobramentos?. In: MARTINS, R. A.; CRUZ, L. A. N. da (Orgs.), **Desenvolvimento sócio moral e condutas de risco em adolescentes**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 9-24.
- LIND, G. O significado e medida da competência moral revisitada: Um modelo do duplo aspecto da competência moral. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 13, n. 3, p. 399-416, 2000.
- LOURENÇO, Orlando. Domain theory: a critical review. **New Ideas in Psychology**, v. 32, p. 1-17, 2014.

MARÇAL, V. E. R.; BATAGLIA, P. U. R. Um estudo sobre a existência de invariantes funcionais na moral. In: V Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Educação Democrática e Novas Alternativas, 5., 2018, Marília. **Anais...** Marília: GEPEGE, 2018. p. 1-13.

MANO, A. de M. P. **Aprendizagem de conteúdos da Astronomia em uma perspectiva piagetiana**: intervenção pedagógica e desenvolvimento cognitivo. 2022. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Marília, 2017.

PIAGET, J. **Recherche**. Laussane: La Concode, 1918.

PIAGET, J. Les modeles abstraits sont-ils opposés aux interprétations psychophysiologiques dans l' explication en psychologie?; Esquissed' autobiographie intellectuelle. **Bulletin de Psychologie**, v. XIII, n. 169, p. 7-13, 1959.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. [Publicado originalmente em 1975].

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. [Publicado originalmente em 1932].

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010. [Publicado originalmente em 1945].

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. **Piaget**: Modelo e estrutura. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. **Em busca do sentido da obra de Jean Piaget**. São Paulo: Ática, 1984.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. Jean Piaget's Genetic Epistemology as a theory of knowledge based on epigenesis. **Athens Journal of Humanities & Arts**, v. 8, n. 3, jul., p. 209-230, 2021.

REST, J. R.; NARVAEZ, D.; BEBEAU, M. J; THOMA, S. J. **Postconventional moral thinking: a neo-kohlbergian approach**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.

SILVA, M. E. F. da. **Competência moral, gênero e sexualidades, e religiosidade na formação inicial pública paulista em Pedagogia**. 2022. 604 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Marília, 2022a.

SILVA, M. E. F. da. Georg Lind (1947-2021) e a competência moral: uma alternativa para contemplação da complexidade no desenvolvimento moral. In: BATAGLIA, P. U. R.; ALVES, C. P.; PARENTE, E. M. P. P. R. **Estudos sobre competência moral: propostas e dilemas para discussão**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022b. p. 167-190.

TURIEL, E. **The development of social knowledge**. Cambridge University Press, 1983.

YOUNISS, James; DAMON, William. Piaget's theory: prospects and possibilities. In: **Social construction in Piaget's theory**. BEILIN, Harry; PUFALL, Peter B. (Orgs.). Hillsdale: LEA, 1992. p. 267-287.

